

Império Quinto

Com um pedaço de toucinho, leva-se longe um cão.

Adágio antigo

Dona Catarina de Áustria, regente da coroa portuguesa, está sentada no trono real, olhando para o vazio em silêncio. Não há mais que possa dizer, além das palavras dolorosas de uma vida marcada pela tragédia. Ela, que pariu príncipes e infantes ao mesmo passo que lhes foi dando sepulcro no Mosteiro dos Jerónimos, num contar de nove filhos, sem que algum passasse dos dezassete. Falam por aí os clérigos de uma maldição tão grande, que nem Duarte, o bastardo, escapou para segurar o leme do vasto império, esticado que vai entre a Amazónia e as ilhas de Macau. Acusar o povo de desleixo moral é lançar grave ofensa, por todo o reino não faltou a devoção dos rosários em favor da ninhada real. Mas quis a arrogância da morte ser maior ao ignorar o berço, cega de sangue e valores, e se o de cima escreve direito por linhas tortas, entortam-se agora os olhos do povo ao tentar ver direito nisto. Assim, feita a rainha à idade, resta-nos confiar o destino de Portugal nas mãos do neto, Dom Sebastião, que já brinca às batalhas nos corredores do palácio, sonhando com conquistas maiores.

Sigamos por agora a rota do Atlântico, trezentas léguas para oeste, até avistar uma povoação com o nome do rapaz, a vila de São Sebastião, ainda que de um santo venha o topónimo. Estamos na ilha Terceira, centro estratégico do comércio dos mares, onde vêm descansar as naus pesadas de especiarias, ouro, escravos, marfim e outras riquezas dos mais variados recantos do mundo. É tanta a abundância que aqui se vive por estes dias que os corsários estrangeiros parecem moscas nas suas costas, à espera da oportunidade certa para nos invadir. Quando o fazem com sucesso, pilham por onde passam sem poupar igrejas nem ermidas, e ai de quem lhes faça frente,

não estão eles para brincadeiras. Pior se for mulher de boa carne, pois sujeitos como andam à clausura do oceano, não hesitam meio segundo em tomar-lhe a saia à força de chapada e murro.

Mas se fossem só os de fora a cobiçar a fortuna, não estaria o corregedor de Angra tão aflito em cumprir os despachos de Dona Catarina. O contrabando é uma actividade usual, e, apesar do esforço para o impedir, parecem os malandros arranjar sempre forma de passar a perna às autoridades. Tanto que vai faltando imaginação a quem inventa as medidas. O vigiar das naus, a reclusão forçada dos tripulantes, o incentivo à denúncia pela partilha dos bens apreendidos, tudo coisa pouca face à astúcia dos marginais. Vá-se lá dar fim aos batéis que vêm pescar mercadorias em lugar combinado, ou aos marinheiros que se adoentam para vir a terra com o tracto intestinal carregado de ouro e prata, que com a pimenta não se arriscam, com essa adoeciam de verdade.

No entanto, basta pousarem no ancoradouro as naus espanholas para abastecimento, e já ninguém se lembra do protocolo. Assim se dá azo ao contrabando com os pertences dos outros. Mas não é coisa que dê peso à consciência, porquanto nos fazem igual na rota do Cabo. Dia de nau castelhana é dia de abrir pestana, dizem os populares, e não se enganam, surgem meios de enriquecer que desafiam a fantasia dos comuns. Que vengam a ver los tesoros preciosos del mundo, lá vêm trazendo o negócio clandestino para os becos e ruelas. Dali vão depois gastar o dinheiro para as tabernas, onde partilham as aventuras dos mares remotos, as coisas que custam a acreditar mas que os olhos viram, lá por aqueles novos mundos. E quando o sino toca às quatro da tarde, se for dia para isso, juntam-se todos no largo da igreja para assistir às vacadas e touradas, tradição que vai ganhando raízes na ilha, muito por mão do juiz conselheiro de Angra, Álvaro Anes de Alenquer, que é amante incondicional destes folguedos.

Entre aqueles que mais se entregam à arte do contrabando, está o jovem Amadeu Pamplona, que todos os dias viaja de São Sebastião ao mercado de Angra no seu carro de mula, para vender o vinho verde e as abóboras. Consigo traz atrelado um leitão com um olho de cada cor, este o código de quem anda no negócio. Pudessem os malandros exibir uma tabuleta, dizendo, aqui se traficam metais preciosos, e não teriam de recorrer a estas estratagemas do arco-da-velha. Assim que os contrabandistas vêem a feição do porco, logo abordam o dono, que sem embaraço lhes compra o ouro. De seguida, enfia as pepitas nas abóboras mais estragadas e vende-as a cinquenta réis a carcaça. Uma abóbora por Dom Sebastião, esta a senha. E se algum freguês incauto quer comprar uma daquelas, convence-o depressa Amadeu de ter bichas da terra, que leve no lugar a do lado, que é cheinha e saborosa.

Tem este Pamplona uma vivacidade de pensamento invulgar para os seus vinte anos, rapá co mundo arregalado nas vistas, diz quem o conhece. E com tal virtude não espanta vê-lo fora da Igreja Matriz a tentar seduzir Matilde, filha de mestre João das terras, moça das mais apetecíveis em São Sebastião. Todos os domingos após o sermão do pároco, juntam-se os populares no adro para jogar ao emboça e espalhar cochichos. Ali, no meio do rebuliço, vemos o despenteio negro de Amadeu aproximar-se aos tropeções da jovem, e então, subindo-lhe a ânsia à garganta, solta-se ele ao improvisado na voz rouca que tem. Qu' é mui florida a granaia que trazês vestida. Que fez bem o bispo em ralhar o pároco de querer mor paga pola Quaresma. Qu' ao sol vosso cabelo é da cor do trigo. Qu' os cagarros voam cegos na luz do dia e que sem vento cai a

flor à rapidez da pedra. Estas coisas sem sentido que Matilde ouve com certa estranheza.

Tem dias que deixa pousar os dedos no antebraço da moça. Coisa rápida, nem dois segundos. O suficiente para pôr os moinhos internos do rapaz a soprar fagulhas. E quando ela, por hábito, fende os olhos e morde o lábio para imaginar alguma coisa, cala-se Amadeu a tremer por dentro, desejando confessar os sentidos com palavras inspiradas, como as que pensa no momento. São vossos olhos verdes o espelho do divino paraíso. Bem bom não ter coragem de as proferir, pois sendo a moça pouco dada à poesia, ter-se-ia ali mesmo desfeito em risada.

- Na próxima quinta-feira irei a Angra comprar linho - preenche Matilde o silêncio. - Se vos praz fazer-me companhia.

Amadeu entra na taberna de Brás camaleão com um gibão castanho vestido. Fê-lo à sua medida o alfaiate Garcia Brito, peça exímia, bordada com os melhores tecidos da Índia. Seiscentos réis por um mês de trabalho não se pode dizer que tenha sido um mau negócio, e se isto não impressionar o pai de Matilde, pouco mais há que o possa fazer. Os nervos são tantos que lhe turvam a vista. O chão num plano enviesado. Parecia tudo tão fácil ontem, no reflexo do mar, quando as palavras lhe fluíam da boca como asas de estorninho. Concedei-me mestre João a mão de vossa filha. Hoje, nem as pernas lhe obedecem.

- Uma'guardente – pede sem convicção, acostumando o nariz à dureza dos cheiros que por aqui fermentam.

O taberneiro despeja a bebida na malga, sem dar conta de ter uma mosca colada no suor da careca. Vai olhando para o rapaz de alto a baixo, até onde o balcão o permite ver, enquanto junta as palavras na cabeça, que logo acabam por sair neste tom de sarcasmo.

- Sim senhor, tão bem-posto qu'ele anda.

Amadeu bebe a malga em dois tragos, mas como a mão lhe treme tanto, acaba por entornar boa parte no gibão.

- Nom sujes já o pelote novo – rompe-se o taberneiro numa gargalhada asmática, roçada pelo catarro.

Assim visto de perto, é um rascunho exagerado. A cara feita num tomate, os poucos dentes escancarados apontando em diferentes direcções, os olhos afogados em lágrimas, raiados como tudo. Enfim, se fosse enfarte não se veria a diferença. Ao aperceber-se da fraca adesão dos demais fregueses, acaba por

diminuir a intensidade da risada, que agora é mais um ataque de tosse que outra coisa. Depois de enxugar as lágrimas ao pano do balcão, está pronto para uma abordagem diferente.

- Entonces diz lá rapá, onde é a cerimónia?

E com o mesmo pano mata uma mosca pousada no braço de Tibério do facho, que continua a rressonar como se nada fosse, com a cabeça deitada no balcão, ainda que de pé esteja.

- Vou a casa do... – diz Amadeu por entre os dentes, recuperando da aguardente com um esgar contido.

- Vás aonde?

- A casa do mestre João – repete alto.

O mal-estar cobre a taberna como uma manta pesada, moldando a seriedade às caras dos homens que aqui estão. Até o sorriso do taberneiro desaparece para dar lugar à apreensão. E as suas bochechas, vermelhas segundos antes, empalidecem com tal rapidez, que nos faz pensar se não é daqui que virá a alcunha, Brás camaleão. O mais que se ouve é o rressonar de Tibério. Tudo o resto é silêncio.

- E o que is mecê fazer a minha casa – pergunta mestre João sentado ao canto da taberna.

A malga escorrega dos dedos do jovem para se desfazer no chão em meia dúzia de cacos. Com tal embaraço se vê ele, que fica sem saber onde colocar as mãos.

- Mestre João, posso, posso falar co senhor? – solta a custo. – A sós?



Os últimos cinco anos passaram à velocidade do vento, e não faltaram histórias para adoçar a boca do povo. Fôssemos nós um desses terceirenses que vem regressando das Índias ao fim destes anos todos, por certo ouviríamos dizer na taberna, mais ou menos por estes trejeitos. Vossemecê nom sabe o que aconteceu. Andou lá no longe, onde as notícias nom querem chegar. Saiba que aqui já nom manda a rainha. É pous, agora é o cardeal Henrique que nos vai guiando a sina, polo menos até que o menino Sebastião faça catorze, nom deve d'andar longe. Com certeza que viu à chegada as obras ó redor da ilha. É um tal Luís de Gonçalves qu'anda a construir fortes e baluartes pera nossa defesa. Sim, qu'os piratas são uns velhacos, por meia dúzia de vinténs abrem as tripas às pessoas. Triste, triste, foi morrer-nos o bispo Jorge de Santiago, que Deus nosso senhor o tenha em paz. Era um santo de carne e osso, sempre tão bom cos nossos. Bebo esta em su honra. Onde é qu'eu ia. Sim, pous bem, a dona Faustina, ou Infaustina, com'agora a vão zombando por aí. Sabe sim de quem falo, é a filha do mui nobre Moniz Barreto. Entonces nom é que se foi encher d'amores p'um tal coitado, que por ideia dela a foi buscar ao cativeiro dos seus, armado d'escudo e espada. A escandaleira que dali nasceu, coa breca, qu'até aos ouvidos de el-Rei chegou. E agora meu amigue, em bo'hora me vou. Adeus e lembre-se de me visitar um dia destes, tenho lá em casa uma angelica à su espera.

Posto isto, continuamos nós as notícias, que ninguém tem obrigação de se recordar de tudo o que aconteceu nos últimos cinco anos, mais ainda se juntarmos as pequenas tramas que o povo teima sempre em tecer. E o que o homem da taberna não nos disse foi que, além do bispo de Angra, morreram

outros tantos conhecidos ao redor da ilha, entre os quais o nosso mestre João das terras.

Foi assim num repente, levaram-no as bexigas-negras, apesar da família apontar o dedo a uma indigestão aguda, de forma a evitar o castigo da quarentena. Em todo o caso, viveu ainda o suficiente para assistir ao casamento da filha e Amadeu na Igreja Matriz, uma cerimónia exemplar, plena de bom gosto. Mas já não viu nascerem os dois netos que dali vieram, o Cristóvão e a Mariana. Está a mais nova com um braço de altura, o outro pouco mais, reguilas como quer a idade, e quando as tias e as avós lhes agarram a cara num gesto de maior carinho, desmancham-se desta forma. Ah louvado seja, deu-lhes a mãe os olhos verdes e o pai o roliço dos cabelos. Quanto a eles, os pais, não escondem a ansiedade que é criar filhos nestes tempos de maldição, em que nem os grandes estão imunes. Por isso, rezam todas as noites com empenho redobrado. Deus nosso senhor qu'estais no céu, livrai-os do mal qu'aos de Dona Catarina deu sentença.

No mercado de Angra, o patriarca vai vendendo o verdelho e as abóboras de Dom Sebastião, como já fazia antes, sendo que agora, em vez do leitão, usa como código um cão rafeiro, meio despelado, com uma orelha castanha e outra negra. Porém, apesar de tudo, o negócio não lhe podia correr pior. Para compreender melhor o motivo, temos de recuar um ano no calendário, até ao dia em que o quadrilheiro Tomé zarolho o abordou na banca do mercado, como agora vemos acontecer diante de nós.

- Hou lá.

Recolhe-se depressa o cão atrás do dono, receando vir dali pontapé.

- Bom dia sô quadrilheiro – responde Amadeu, esfregando as mãos nas calças bragas, um tique que tem sempre que se vê diante das autoridades. – Passou bem?

- Vai-s'andando co este chuveiro.

- Pous, mas isto são nuvens que tão d'abalada, nom tarda em vir o claro do céu.

- Assim esp'remos, assim esp'remos. Como vão lá os de casa?

- Toudos de saúde, tirando o pequeno qu'anda meio somenos.

- O qu'é que lhe deu?

- Na semana passada, pôs-se a puxar o rabo à mula no brincar e acabou levando um couce. Agora tá coa testa aberta. Graças a Deus qu'as mézas do curandeiro tão-no pondo melhorzinho.

- Rapazes pequenes.

- Nom venha a pior.

Tomé coça por baixo da pala negra com os dedos muito sujos, no buraco húmido onde deveria estar um olho. Depois, cansado da conversa de sogras, corta para o assunto de interesse.

- Vi hoje o Martim Gomes passar por aqui. Costuma vir cá todas as semanas, nom é?

- Sim sô quadrilheiro, é freguês de boa conta.

- Pous. Mas sabês mecê o qu'andam falando dele?

- Nom ouvi dizer nada sô quadrilheiro. Que cousas são essas?

- Qu'é mais um desses qu'andam roubando ouro das naus.

Amadeu finge ficar surpreso o melhor que pode.

- Ah lepra, nunca ouvi tal cousa. Sério com'ele é, isso deve mas é de ser engano. Nom is vossemecê acreditar em tudo o qu'o povo cisma por aí, qu'a língua, quando quer, estica mais qu'a vista.

O quadrilheiro lança as unhas à barba negra num coçar compulsivo, esfregando em simultâneo as partes com a outra mão. É tão comichoso que já não sabemos o que realmente levou o cão a refugiar-se atrás do dono, se o medo do pontapé, se a repulsa às pulgas que ali vão. Enquanto as palavras não surgem, vai examinando as abóboras de Amadeu, como quem não quer a coisa, dando pancadinhas com o nó do dedo em algumas delas. Ao fim de um minuto, decide-se a perguntar.

- Anda mecê, porventura, feito ao tráfico do ouro?

- Cruzes do demo! Ó sô quadrilheiro, nom brinquês com cousas sérias. Eu mais queria limpar botinas a mouros, que meter-me em tais trabalhos – responde sem disfarçar a ansiedade crescente.

Tomé coça de novo as partes e traça a boca ao lado, um trejeito que tanto pode ter de ironia como de alívio da coceira.

- Nom me leve a sério meu amigue. Assim vejo mecê, um hom'honesto.

Amadeu suspira para dentro, como quem pensa, foi por pouco.

- A quanto tá a abóbora?

- Cinco réis as gradas, três as pequenas.

Aponta para ambas as variedades, enquanto, com o pé, empurra o cão por baixo da banca, de modo a tapar as abóboras do contrabando postas no chão atrás de si.

- Vai uma pequena.

Amadeu pega numa à sua frente e dá-lhe uma chapada seca.

- Tá madurinha que consola.

- Quero mais ess'aí em baixo, atrás do cão.

O coração de Amadeu desata aos murros nas costelas.

- Ó sô quadrilheiro, nom queira nom, qu'esta tá tomada polas bichas. Vai pr'ó porco lá em casa.

A feição de Tomé muda de repente. Torna-se áspera, atento que olha Amadeu, que por sua vez não pára de esfregar as mãos nas calças.

- Quer-m'entonces dizer mecê qu'anda a dar pérolas a porcos?

Amadeu não reage, está perdido nas ideias.

- Comê-vos o gato a língua?

Novamente silêncio. Nem os olhos se mexem, está petrificado atrás da banca.

- Nom me queira fazer de mula, igual a essa que vos puxa o carro, pous que dali detrás do chafariz vejo eu mais cousas do que mecê pensa.

Amadeu desfaz-se em lamúrias.

- Oh sô quadrilheiro, que vai ser de mim agora?

- Pous, isso pergunto-lh'eu.

Aos poucos, Amadeu começa a perceber o verdadeiro significado daquela resposta. Vale-lhe ser esperto, pois se fosse mais um desses néscios que por aí abundam no mundo, teria o quadrilheiro sido obrigado a usar palavras mais óbvias, como estas. Se me cair um dinheirinho na bolsa, fic'um segredo bem guardado entre mecê e eu. Tal não foi necessário.

Assim começou o drama da chantagem que até hoje se vem arrastando, ousado que vemos o homem nas exigências. Ora porque quer um par de ceroulas novas que lhe caibam na barriga. Ora porque tem de sustentar as bebedeiras com aguardente do continente. Ora que é para oferecer presentes a Inês de Noronha, que só assim o pode ver à frente. Mais isto e mais aquilo, tanto que o pobre Amadeu já nem consegue respirar direito. Vai daí, não são raras as noites em que, depois de rezar pelas crianças, se põe o patriarca a imaginar como seria cravar um machado na farta pança do quadrilheiro, e ver aquele olho de furão nojento revolver diante de si.

Zás, estava o assunto arrumado.

Tem razão o povo ao dizer que um mal nunca vem só. Parece o Diabo querer certificar-se de que o trabalho chega ao destino, não vá a vítima escapar de mansinho. E ora então que o mal segundo a assombrar o céu de Amadeu, bate o primeiro em termos de prejuízo. Coisas dos grandes sobre os pequenos, digamos assim, uma vez que vem do tempo de Dom João III o desejo de fundar na ilha uma casa que cunhe moeda, a fim de estimular o comércio local. Mas como até hoje não se olhou ao pedido, e sendo muito o ouro e pouco o dinheiro para o comprar, vai-se perdendo o interesse no câmbio, de tal modo que não é raro ver os estrangeiros escandalizarem-se na praça ao ser-lhes recusada a paga no respectivo metal. Deste modo, com a venda das abóboras pelas ruas da amargura, não vai ganhando Amadeu sequer o suficiente para cobrir a extorsão de Tomé zarolho.

Em tom de verdade, pior que uma vida inteira de miséria, é provar a abundância e acabar na pobreza, porquanto a dor de perder algo é duas vezes maior que o ânimo de o ganhar. Por isso se apegam tantas vezes os grandes ao poder, com unhas e dentes, fazendo o mais que podem para perpetuarem o domínio. Depois, se por força do destino acabam na penúria, entregam-se às manias e às aparências. Por este andar vai Amadeu Pamplona, enterrado em dívidas até ao negrume das olheiras, ostentando o que ainda não perdeu. Já por duas vezes foi o fiador da Salga a sua casa reclamar o dele. Na última, abriu Matilde a porta com Mariana ao colo, para então ouvir. Ou pagam ou vão pr'á rua.

Mas se de aparências falamos, não há como omitir este episódio extraordinário. O caso do leitão. Aquele de um olho de cada cor, que nos

últimos anos cresceu para se tornar um dos maiores suínos a pousar os chispes nestas ilhas, quiçá em todo o reino de Portugal. Cousa tamanha capaz d'alimentar uma aldeia num inverno, correm os comentários, nem parece qu'a crise chegou à casa dos Pamplona. E sendo o animal obra do capricho, acabou por ganhar a graça de Fuças, a grande besta, coisa invulgar para a época, esta de dar nome aos animais. No entanto, um nome não é coisa que se agarre ou cheire, é tão fácil dá-lo como tirá-lo. Queremos nós dizer com isto que a matança do animal está para breve. Pudera não, que a carne e os torresmos darão dinheiro de boa falta, suficiente para calar o fiador da Salga durante meio ano.

Enquanto isto, na taberna de Brás camaleão, vão debatendo os criadores locais a fórmula de tão soberba engorda, com vista a aplicá-la nos seus pocilgos. Mas, como tarde deram em espreitar por entre as sebes, já não vêem a mesma fartura que outrora ia ali morrer à pia do porco. Os sabugos de milho, as abóboras, os talos de hortaliça, o cereal do gorgulho, os restos de fruta, o leite azedo, o queijo bolorento, os tremoços, as papas de sarrabulho, as côdeas de pão, os restos de carne e peixe. Tudo marchava. Agora, em tempo de aperto, o que vai segurando o apetite ao animal são as plantações apodrecidas ou tomadas pela peste, que, sem olhar ao grau de decomposição, seguem o destino do pocilgo, fazendo do bucho do animal, por assim dizer, uma espécie de incineradora extremamente eficaz.

- Se lhe caísse na pia, até a mãe comia – diz Amadeu aos vizinhos, com aquela sua voz de garrafão soterrado.

- Mulher, em vindo a próxima lua prena, faz-s'a hora do bicho. – Dá-se a sentença a um, o viver a outros.

Contudo, nestas coisas do destino há lá vontades que jogam com a nossa. E por razões que o saber não acompanha, no primeiro domingo de Junho, Fuças rebentou o portão do pocilgo à cabeçada e saltou num correr descontrolado, atropelando vizinhos e galinhas pelo caminho, para no fim parar no quintal de Fernão Dimas a devorar um monte de melancias. Nem pio de codorniz se ouviu por momentos. Apenas os gemidos de alguns caídos, e o sino, ao longe, tocando as oito da manhã.

- Diabos me fitem - bradou o dono com a estupidez bofeteada na cara. - Fosse eu doudo ao ver a besta marrar em gente feito touro.

Assim que o porco voltou para o curral, Amadeu reforçou o portão com quatro tábuas, não fosse saltar-lhe o juízo de novo. Depois, num gesto calculado, mandou a mulher oferecer taças de vinho doce aos vizinhos, de modo a suavizar o transtorno e prevenir as más-línguas. Pois todo o cuidado é pouco, não vão julgar estar o suíno possuído pelo demónio, a carne contaminada, imprópria para o comer, que, supersticiosos como são, basta um atirar a palavra ao ar para logo cair a chuva da difamação. E depois fica a carne a apodrecer em casa, como já se tem visto por aí. Mais tarde, por meio do pequeno Cristóvão, mandou chamar o curandeiro à casa dos feridos, felizmente tudo escoriações ligeiras, tratadas com unguentos de sálvia e sebo



de carneiro. O mais difícil foi mesmo convencer o velho a meter a conta na tabela do fiado.

Assim que os ânimos acalmaram e os populares retornaram aos seus afazeres, Amadeu ouviu Fernão Dimas comentar com os vizinhos, em alto vozeirão, no lado de lá das sebes. Eu bem o vi, parecia o diabo em forma de porco. Naquele nom enfio o dente nem que passe fome. Ao que os outros iam respondendo, nem eu vizinho, nem eu. Estavam confirmados os piores receios do dono. A primeira palavra havia sido lançada ao ar, restava aguardar o tormento da chuva.

Senta-se o pobre Amadeu à sombra do curral, a pensar em todo o mal que o vem perseguindo. A extorsão de Tomé zarolho, o fracasso do negócio do ouro, a pressão do fiador da Salga. E agora a carne do suíno, a sua última esperança, condenada à maldição. Mal amanhado, parece o mundo toudo conjurar contra mim. Tantos anos a engordar o bicho pra nada. Mas porquê senhor, sendo eu homem honrado e cumpridor, sempre amigo d'ajudar o próximo, que tantas horas m'ajoelho diante de vós. Onde mereço eu tal castigo. Depois, apercebendo-se da afronta que é pedir satisfações ao sagrado, muda o tom do discurso. Será por certo um teste à minha fé. Talvez ande eu desatento e nom ouça o vosso plano divino. E destes pensamentos salta para outros, à mesma velocidade com que iniciou os primeiros, sem se aperceber da transição. Correm-lhe agora as imagens mentais do porco endiabrado, uma e outra vez, de trás para a frente, de frente para trás. As coisas que não têm explicação.

Dois palmos de sol mais tarde, de tanto pensar no assunto, cai-lhe uma ideia no colo da mente. Esta outra virtude sua, a capacidade de esmiuçar um assunto ao grau de farinha, a qual, cozinhada no seu forno cognitivo, lhe oferece um pão superior ao dos demais comuns, nutrindo-o com visões apuradas das coisas do mundo. O que começou com uma simples premissa, ganha agora contornos de um detalhe notável, lançando o dono para um estado de grande agitação. Se há na ilha ocupação próspera capaz de dar fortuna num repente, contra a qual Tomé zarolho não o pode chantagear, é sem dúvida o negócio das touradas. E raios partam se o porco não está feito para atender ao desafio. A matança, essa, que fique para depois, e então coma do animal quem se atrever.

Sem mais demoras, Amadeu arregaça as mangas e dá início a uma jornada que muitos descreverão como um braço de ferro entre o homem e a demência, determinado que está em fazer de Fuças um engenho de martelar gente.

Semanas passadas, por meios que precipitaram o desenrolar dos eventos, quis a súbita mania tauromáquica desafiar a paciência de Matilde, ao ponto de deixar os filhos com a mãe, e caminhar sozinha ao monte onde o marido engana diariamente os instintos do suíno, pronta a dar fim àquele martírio. Aqui a vemos sobre a terra enlameada, abrigada da chuva por uma criptoméria, observando calada aquele teatro. Apenas o brilho dos olhos sobressai na amálgama de esterco que se tornou o homem, e é esse mesmo brilho, de tudo, aquilo que mais a perturba.

- De todas as formas vos pedi a matança do bicho. Sabês qu'ó dinheiro é preciso, mais certo qu'este delírio – diz, enrolando a bainha da capa com os dedos. - Havemos de fazer o quê, se há dous dias que nom levais a mula a Angra, e o fiador nom nos dá sossego?

O homem continua a sacudir a manta suja diante do focinho do porco, sem expressar palavra. O animal, por sua vez, escolheu o momento para dar fuga às necessidades fisiológicas.

- Fosse vivo João meu pai pera vos dar tento à força do punho – grita sem conter as lágrimas.

- Que falais mulher? Sabês qu'andam metendo demónios no animal, que s'ó matamos o mais certo é podrecer-nos a carne em casa.

- Os que falam mal da carne são só os daqui. Em Angra nom há quem saiba do assunto. Podês bem vendê-la no mercado.

- A matança pode vir depous, podemos antes tentar a sorte. Nom vedes um touro no bicho – pergunta, olhando para a enorme cabeça do suíno, como quem não pára de se surpreender com o tamanho descomunal que ali está.

- De ver cos olhos, só dous porcos, e a desonra que nos dás ao nome – solta, para logo aguardar a reacção do marido. - Nom vos chega a troça dos outros?

Porém, o homem já não a ouve. Entregou-se agora à formulação de cálculos mentais sobre o ângulo das marradas, de modo a abranger a maior área possível do corpo das vítimas. E os seus dedos, possuídos pela aritmética, gesticulam no ar que nem murganhos, ante o desespero da mulher.

- Pragas e pestes vos caiam em riba – grita-lhe. - Se nom Deus, que faça justiça o Diabo.

O homem ainda tenta chamar a mulher, mas já é tarde. Vai lançada pela encosta com o coração na boca, encharcada em chuva e lágrimas, convencida de não ter fim o seu sofrer. E por vingança, ou carência emocional, pouco interessa o motivo, horas mais tarde vai chorar ao ombro de Garcia Brito, alguém que desde o início se tem mostrado solidário com a sua frustração. Dizem alguns, talvez um tanto demais.

- Ensina Amadeu o bicho a dar marradas com tal cegueira, que nem vê a mulher coser remendos co alfaiate - comentam os vizinhos em tom de galhofa.

- Parece qu'ó porco e o dono andam trocados. O que nom tem cornos é qu'aprende a dar marradas.

Não fosse a sua fé inabalável, já teria o homem aberto mão do intento, tal o escárnio venenoso dos outros. Mas pobre seja a alma de quem ouve os agouros dos toscos. No seu ver, Fuças atravessa um momento de forma tão alto que é como se os astros responsáveis pela força, técnica e talento se houvessem fundido num só e iluminado o porco até às entranhas. E sem faltar tempero à receita, parte em visita a Alfredo do Canto, o patrão mor das touradas, assim o chamam. Longo é o trilho que vai dar ao solar de repouso do burguês, na Cruz dos Regatos, mas maior a determinação de Amadeu, que aqui marcha com uma folha de roca, arma de enxotar moscas e mosquitos, enquanto, no intervalo dos duelos, ensaia a palavra. Prezado Alfredo, é meu desejo dar uso ao porco numa tourada sua.

Já acomodados nas poltronas do salão de Alfredo, bebericando da porcelana uma infusão de funcho, os dois homens fixam-se mutuamente em silêncio, à luz dos elegantes castiçais. Bastaria correr os reposteiros para a luz natural da tarde animar o salão, mas a moda destes tempos é outra, dita a alvura das carnes. Pele morena é ao sol da lavoura que obedece, pele fina quer-se imaculada, longe do astro. E mal de quem pense o contrário, quando é da própria corte que chega o preceito. Para enganar a natureza nem no pó de arroz se poupa. Tal devoção dão os olhos às manias reais que acabam vendo beleza neste aspecto de cadáver meio vivo.

- Diz entonces vossemecê, um porco - questiona finalmente o anfitrião, proferindo cada palavra com um vagar intencional.

Amadeu aclara a garganta, mas nem isso lhe tira o áspero habitual da voz.

- Assim falo.

Tão imóveis se olham os dois no meio do salão, que, se aqui estivesse um pintor, dir-se-ia posarem para uma tela maneirista, outra a juntar à colecção exposta nas paredes.

- O mor disparate qu'alguma vez ouvi – diz com rispidez. – Como pode um bicho marrar sem cornadura.

Ao ouvir o anfitrião tocar a sineta do criado para dar termo ao encontro, Amadeu perde o controlo da fala.

- É por certo vosso erro de julgar, senhor do Canto, pous qu'aos bezerros que vos vi usar em touradas últimas, nom só lhes faltam os cornos como também os túbaros.

Alfredo fica mudo. Se perguntassem a Amadeu a origem de tais palavras, fosse ele sincero, diria ter sentido um fantasma erudito possuir-lhe o espírito para dar largas à retórica. Mas isto não é coisa de perder o tempo a pensar, mais agora que a guarda do anfitrião se foi abaixo.

- O povo tem sede do bizarro – investe de novo. – Lembrai-vos da última boda do Espírito Santo, quando o povo se lutou no terreiro pra ver a corrida das galinhas sem cabeça. Quantas pipas de verdelho nom se venderam. Acreditei meu amigue, o porco é fortuna certa.

Este revelou-se o mais persuasivo dos argumentos. Como de costume, na bolsa está o olho de quem manda, mesmo que outros valores mais altos se invoquem. O altruísmo, a moral, a defesa da fé, tantas vezes máscaras da verdade. Fosse este processo transparente e a história dos povos seria outra.

Ao fim de meia dúzia de conjecturas, o patrão mor das touradas acaba por consentir.

- Traga entonces vosso porco folia às gentes, mas com jeitos de touro bravo, que em tal sendo vos farei rico. Contudo, aqui vos deixo o aviso – acrescenta num tom austero. - Acobardando-se o bicho no largo, dar-mo-ês de paga pola desfeita.

Amadeu salta do cadeirão, escarra na mão direita e aperta a do anfitrião com tal convicção que por pouco não lhe quebra os metacarpos.

- Ei-ooou, é a porcada à corda, vinde ver um porco fazer de touro.

Vigésimo quinto dia do mês de Julho de mil quinhentos e sessenta e cinco, ano da graça do senhor. A tarde está de sol feito e brisa suave, em contraste com a tempestade que vai no estômago de Amadeu. Já por duas vezes vomitou atrás da gaiola de Fuças, enquanto fingia dar aperto às albarcas, que nem correias têm. É neste estado febril que vai observando os populares preencherem as laterais do largo de São Bento. O povaredo que aqui anda é de bradar aos céus, de uma ponta à outra da assistência não há espaço para levantar um braço. Até dos Biscoitos vêm chegando os curiosos, que, na falta de chão, trepam às árvores para ver o insólito.

Os serventes de Alfredo esmeraram-se na limpeza do terreiro. Um belo serviço sim senhor. Nem parece que aqui circula a imundice diária, o esterco por todo o lado, os porcos chafurdando no lixo, as galinhas correndo debaixo dos pés, os dejectos que vão do penico para a rua. Tomara haver festas destas todos os sábados. Alfredo faz contas de cabeça, vai tempo que não via tamanha afluência numa tourada sua. Arrepende-se apenas de não ter colocado mais vendedores no largo, o que nem é tão grave quanto isso, pois sendo maior a procura que a oferta, vai dando sinal de aumentar dois réis nas papas de sarrabulho e três no vinho e na maçaroca. O que perde num lado, ganha no outro. Com outras preocupações anda o nosso Amadeu Pamplona, cuja reputação está no fio da navalha. Uma boa prestação de Fuças dita o

renascer das cinzas, o contrário a miséria e a humilhação total. Vai pensando o patriarca como pode o destino de um homem se fundar em lodos tão incertos.

Enquanto a hora não chega, os seis mascarados da corda encarregam-se dos últimos preparos. Avisam a multidão para não invadir o recinto, conversam com os desafiadores, atam a corda ao pescoço do animal, discutem as posições de cada um. Nenhum deles se encontra hoje munido de varapau. Não está portanto a morte do animal prevista. Apesar disso, não abdicam do traje tradicional, as calças brancas, a camisa encarnada e a viseira que lhes cobre o rosto.

Assim que o sino toca as quatro, abrem o portão da gaiola, picam o porco à aguilhada e é vê-lo correr pelo largo ante o pasmo da multidão, tudo de queixo ao peito. Se alguma vez sonharam ver tal coisa, foi num mundo que não este. Muitos riem de graça, outros de troça, outros ainda de nervoso, só não há como tirar os olhos do enorme bicho, coisa sem palavras, mais agora visto assim com o apetrecho que Amadeu lhe amarrou à cabeça. Um generoso par de galhos de cedro. Estão já alguns desafiadores em volta do animal executando as sortes, provocando-o com gritos, dando-lhe chapos no dorso, recorrendo a todo o tipo de truques. Mas o porco não reage, está parado no meio do recinto para infelicidade do dono, apesar dos gritos de encorajamento que este lhe vai lançando, os mesmos que o punham bravo em cima do monte, mas que aqui não passam da cortina de barulho montada pelo povo. Os mascarados coçam a cabeça como que antevendo o fiasco, enquanto alguns tomates vão caindo ao redor de Fuças. Parecia estar o povo à espera disto.

João Baptista, o grande desafiador da Ribeirinha, vai à assistência buscar cuecas sujas, para logo as vir prender nos galhos de cedro com toda a afronta. De seguida, agarra-se ao rabo do porco em grande pose, gosta claramente de atenções, e é vê-lo puxar com a força toda que tem. Mexe-te besta, mexe-te besta. Depois ri-se que nem um perdido e pontapeia o escroto do animal com violência. A poucos metros está Amadeu com as mãos na cara, a pensar como não lhe ocorreu isto antes, porque o animal já vai correndo aos guinchos pelo terreiro numa agonia desgraçada, cego pelas cuecas, levando tudo e todos consigo. Ouvem-se gritos no público. Os mascarados não dão conta de segurar a corda, que vai de arrasto atrás, tal qual uma serpente demoníaca excitada



pelo caos. E os desafiadores vão caindo por terra, uns atrás dos outros, desamparados como bonecos de trapos.

Amadeu está que não se aguenta, nem ele esperava uma reacção tão acesa. E pela primeira vez ganha coragem para olhar de frente a multidão, ansioso por ver engolir as palavras os que há pouco o metiam ao ridículo. Ali distingue algumas caras conhecidas, Álvaro Anes de Alenquer, Brás camaleão, Tomé zarolho, todos com cara de cagaço. E naquele lado do público parece ser o filho Cristóvão, acenando com os braços no colo de alguém, será Matilde com certeza. Mas esta glória é sol de pouca dura, sai-lhe cara a distracção. Fuças atropela-o com tal impacto que o projecta para longe, entre chispes e marros. E dali não se levanta mais o dono. Está feito num saco de carne.

Um vulto atravessa o lençol de nevoeiro. Vem aos tropeções, parando de quando em quando para recuperar o fôlego. Não se distingue mais que um borrão de corpo e membros. Deste lado grita Baltasar Afonso, quem vem lá, mas a resposta não chega. Teremos de esperar alguns minutos até que o vulto se revele. É Cristóvão Pamplona. Vem puxando um homem pelos pés, trá-lo de arrasto. Não admira ter levado tanto tempo. Está morto, pergunta Baltasar. Silêncio de novo. Ao ver o sangue correr dos tímpanos de Cristóvão, volta a perguntar-lhe, desta feita num berro. Está morto.

- Sim, matei-o.

Foi nosso erro ver por aqui nevoeiro, pois agora que a brisa clareia o ar e os sinais de guerra surgem um pouco por todo o lado, apercebemo-nos de ter sido a fumarada dos arcabuzes e da artilharia aquilo que vimos momentos antes, misturada com a poeira levantada pela investida do gado bravo. E que investida, senhor, estavam os espanhóis gritando vitória quando a manada se irrompeu com uma fúria demolidora, exaltada pelos aguilhões, num tumulto de marradas e atropelos, e os nossos atrás com foices e armas de fogo fazendo o resto, empurrando os invasores para a morte certa.

Quem esteve atento, viu ali correr um porco no meio da confusão. Foi o próprio Cristóvão que, seguindo a estratégia dos populares, o foi buscar ao curral para o espantar sobre o inimigo. Sai cada qual aos seus. O moço, despenteado, de voz cavada, só podia ser Pamplona. E o porco, assim grande e dado ao jeito da cabeçada, não podia vir de outra linhagem que não a de Fuças.

Cristóvão pára por um momento, ofegante, murmurando palavras para ninguém. Nem ouço os gritos. Diante dele, o campo da Salga feito num horror que o inferno houvesse regurgitado, amontoados que vemos as centenas de corpos mutilados. Nunca se pensou ver a vila de São Sebastião em tão miserável estado. Na orla da baía, alguns espanhóis tentam fugir a nado, mas, sendo muito o peso das armaduras, acabam por ir ao fundo que nem pedras, lançando as mãos crispadas em direcção aos galeões num último gesto de vida, como se os quisessem agarrar à distância, longe que os vêem partir, num vagar que não condiz com a desordem.

- Fugam filhos dum cabrão - brada Baltasar com os músculos todos retesados. - Que viva António Prior do Crato muitos anos pra vos correr de Portugal ao pontapé.

O céu está azul. Ali junto ao basalto, frei Pedro cerra os olhos a Gonçalo Anes, que vendo matarem-lhe o filho, se lançou sozinho sobre um grupo de castelhanos, tomado pela cólera, ferindo e matando quantos pôde, antes de sucumbir aos golpes adversários. Brianda Pereira, incansável durante toda a batalha, vai dando apoio aos nossos feridos. Aos outros não, que o rancor de os ver queimarem-lhe os pertences e atacarem os seus à falsa fé, não deixa agora lugar à piedade. Mais adiante, Ciprião de Figueiredo dá ordens à população para que não profanem os cadáveres do inimigo, nem que matem os que ainda parecem respirar, que as guerras nisto são todas iguais. Mesmo depois da vitória certa, muitos são os que querem prolongar acertos.

Não foi diferente há três anos, na batalha de Alcácer-Quibir, sem a qual esta batalha da Salga nunca teria acontecido. Falamos da génese de toda a desgraça que nos veio atirar ao jugo deste Filipe segundo de Espanha, primeiro no lado de cá. Assim levou Dom Sebastião os melhores consigo, embarcados num sonho maior que os sapatos, rumo ao abismo mais profundo. Tem cada qual direito às suas manias, bem o sabemos, mas falar de um rei não é o mesmo que falar de um Amadeu qualquer de Pamplona, pai deste que aqui está ferido no campo da Salga, escutando o silêncio da morte. Ao rei cabe o discernimento, a ponderação, o saber. Não o precipitar-se para a guerra sem deixar um herdeiro atrás, sabendo ser a última esperança do reino. Nada justifica tamanha loucura.

Cristóvão avista finalmente o porco. Está ali deitado debaixo de um salgueiro, em mau estado, à espera que lhe chegue a hora. O jovem respira fundo e volta a arrastar o cadáver. Vai num caminhar certo, apesar de ter a barriga aberta de um lado ao outro. Para trás, vai ficando um rasto vermelho, feito do sangue de ambos, como se fosse o mesmo. Matei-o, dissera-o a Baltasar. E não era mentira, espetara-lhe o agulhão no pescoço vezes sem conta, até se lhe apagar a chama dos olhos. Mas quando o disse, no seu delírio, já não era o cadáver do espanhol que arrastava, mas o do pai, igual ao dia em que o viu pela última vez, dezasseis anos antes. É esta a culpa que vem desde então. Se ao menos não tivesse distraído o pai com acenos, ter-se-ia ele desviado a tempo da investida de Fuças.

- Sim, matei-o.

O jovem encosta o cadáver ao tronco do salgueiro e deita-se com dificuldade ao seu lado. Aos seus pés jaz o porco moribundo, com as vísceras estendidas sobre o verde das ervas. O seu espírito vagueia agora pelos momentos que passou na companhia do pai. Os dias em que ele o sentava no muro do pocilgo para ver Fuças devorar as arrobas de comida. As viagens que faziam juntos a Angra, montados na mula. A brincadeira que tinha por costume fazer, levantá-lo ao ar até onde os braços chegavam, soltando-se às gargalhadas, bat'as asas rabo-de-palha.

Assim que Brianda chega para lhe dar auxílio, Cristóvão vê a imagem da mãe no seu lugar. Está ajoelhada ao seu lado, dando-lhe água na boca, tirando-lhe o cabelo da frente dos olhos. Vai-lhe dizendo palavras meigas que ele não ouve, mas que lhe dão sossego. Ele puxa-a para si e beija-lhe a face, antes de se atirar para a escuridão.

- Vou com o pai.